

OS DOIS VALORES UTILIZADOS HOJE PELAS FESTAS TRADICIONAIS EM DUAS LOCALIDADES COREANAS*

KYUWON KIM

Korea Culture & Tourism Institute, Seoul

kimq1@naver.com

No filme ultramoderno de James Francis Cameron, “Avatar”, a tribo de “Navi” encontra uma vida eterna na árvore sagrada e rende um culto ritual à árvore do espírito. Eis agora, no século XXI, duas festas que celebram árvores sagradas: uma acontece num lugar urbano e a outra, numa ilha isolada.

Neste artigo, eu gostaria de comparar essas duas festas ligadas à existência de árvores sagradas, levando em conta a evolução dos valores, o dinamismo da festa e as mudanças sociais intervenientes nos dois lugares.

Em 19 de outubro de 2009, uma festa (*Dangsanjae*) tomou lugar ao redor de uma grande árvore de *Zelkova*, em uma região próxima de Seul onde o rio Han se separa em dois braços. O nome desse lugar – “Dumulmuri” – pode ser traduzido como “a festa de dois cursos d’água”.

Na pequena ilha isolada de Bogildo, outra festa tradicional ocorreu em fevereiro de 2010 em torno de carvalhos verdes (*Quercus sanicina Blume*).

Tradicionalmente, a festa popular é um fenômeno cultural que divide o tempo e o espaço, testemunhando a dualidade dos valores da sociedade. Os valores de inversão social e de afirmação opõem-se-lhe. E essa divisão simboliza a dualidade, a dupla face da sociedade.

A maioria das festas tradicionais e populares tem por objetivo criar a harmonia no seio das sociedades e garantir, assim, seu equilíbrio. No passado, as festas populares tinham como missão inserir o ser humano na natureza sem perturbá-la. Na época moderna, elas têm como função manter a esta-

* Traduzido do francês por Igor Catalão.

bilidade da sociedade, preservando-a das tensões internas que nascem entre os diferentes grupos e sistemas. As festas populares de nosso tempo visam a reduzir as tensões que se desenvolvem entre as classes, os poderes, os grupos e as ideologias presentes no seio da hierarquia social.

No âmbito mesmo das festas, as harmonias e as tensões existem também entre os valores simbólicos que elas reclamam. A dinâmica própria a essas rivalidades internas pesa sobre a evolução das manifestações.

Se a festa popular é feita para o bem e o equilíbrio da sociedade, os diferentes objetos e ideias que são imobilizados no seu âmbito rivalizam para definir o equilíbrio da própria festa. Os ritos e jogos, os diferentes papéis, o tempo e o espaço da festa são símbolos da sociedade.

A festa pode, além disso, constituir simultaneamente dois conjuntos de valores de sentido contrário. São os valores da inversão social e da afirmação. A maioria das festas evoluiu como um compromisso entre a afirmação da hierarquia social e a inversão popular. Esse compromisso justifica a existência e a aceitação da cultura e dos ritos populares pela sociedade.

A festa muda quando seu equilíbrio interno se rompe. Ela desaparece então, modifica sua identidade ou amplia seu papel: ela se finda ou revive.

Na sociedade urbana contemporânea, as festas que coexistiam em equilíbrio com a sociedade passaram por uma nova mudança. A transformação das hierarquias sociais e o declínio das potências religiosas reduziram o lugar da manifestação do religioso na festa àquele da afirmação da ordem social. O desenvolvimento do lazer contemporâneo, sobretudo quando baseado na tecnologia moderna e nas mídias digitais, faz desaparecer a necessidade popular de manifestação festiva. O lugar da festa não é mais decisivo ou definitivo na sociedade contemporânea. É, em revanche, a condição social que decide hoje a vida, os altos e baixos da festa.

OS VALORES NA FESTA POPULAR TRADICIONAL NA COREIA

O protótipo das festas tradicionais na Coreia mistura e associa valores do confucionismo e do xamanismo. O confucionismo requer uma ambiência ascética, hierárquica, sóbria e uma participação limitada. O lugar do confucionismo, que era o fundamento da sociedade coreana, permanece ainda vital na hierarquia social, misturando-se com a influência de outras religiões, como o cristianismo, o budismo etc.

A dimensão xamanista das crenças populares em curso na manifestação requereria, entretanto, uma ambiência de inversão libertina, alegre, popular e uma participação aberta.

O confucionismo, importado nos séculos VI e VII, tinha um grande lugar na cultura das pessoas instruídas e dos funcionários. A partir de 1393, data de fundação do reino de Chosun, o confucionismo estabelece-se como a filosofia oficial do Estado. O confucionismo impõe-se então, pouco a pouco, como a moral oficial das classes altas, mas penetra também no povo comum. Até hoje, o confucionismo domina a vida coreana. Inclusive nas empresas e nos estabelecimentos públicos, a moral do confucionismo é ainda respeitada como fundamento-mor da hierarquia. O confucionismo sempre foi carregado de valor afirmativo na sociedade coreana.

Inversamente à influência preservada do confucionismo, o xamanismo, baseado na comunidade tradicional, enfraqueceu-se e diminuiu na atualidade. O professor Choi Jun-sik (2005, p. 37) compara, assim, as diferenças entre o confucionismo e o xamanismo:

O princípio do confucionismo: masculino, hierárquico, em ordem, coletivo.

O princípio do xamanismo: feminino, em igualdade, contranormativo, individual.

De fato, o xamanismo possui também caracteres de ordem e organização coletiva, mesmo podendo ter um papel subversivo contrário às classes dominantes. Desde o tempo das tribos antigas, o xamanismo participava da construção da coesão coletiva graças às festas e aos rituais que suscitava. A crença pagã que constituía o xamanismo tornava-se a base com a qual o povo podia contar durante situações penosas.

Após a criação do reino Chosun, os xamãs e suas famílias passaram a ser vítimas de discriminação. Porém o papel coletivo do xamanismo nas vilas permanecia importante, como se vê nos rituais e jogos coletivos que cativam as camadas populares. Mas, ao mesmo tempo, a moral confuciana desempenha um papel predominante na hierarquia de vilarejo dominado por pessoas instruídas e funcionários.

A festa tradicional mostrava essa dualidade dos valores diferentes ou opostos que determinavam a vida coletiva do passado. Era uma festa que associava os rituais do confucionismo e do xamanismo, dividindo o tempo,

o espaço e as regras de participação. Por exemplo, em uma festa da água da fonte sagrada, o primeiro dia era consagrado aos rituais do confucionismo e o segundo, aos jogos e rituais festivos do xamanismo. Ademais, mesmo se os objetos honrados – uma água da fonte, uma árvore do espírito, uma rocha ou mesmo uma montanha – são símbolos do animismo ou da crença popular e xamanista, os cultos do confucionismo são ali realizados.

Nos ritos confucianos, os participantes são limitados em número (trata-se sempre de homens de camadas superiores); o acesso é recusado aos outros. Ao contrário, quando o xamanismo e as crenças pagãs estão em jogo, o lugar e a participação são abertos a todos.

A partir de 1970, a presença dos xamãs tradicionais diminui e as comunidades tradicionais diminuem também no território coreano. O papel coletivo de xamã (homem ou mulher) desaparece rapidamente nos vilarejos. Hoje, muitos novos xamãs dão-se à adivinhação e à predição pagas e ganham, assim, suas vidas.

Tradicionalmente, os xamãs dividem-se em dois tipos. Um é o tipo hereditário, o outro resulta da descida do espírito ou de um contato estabelecido com ele (*Gangsinmu*). Geograficamente, os xamãs por descida do espírito exerciam suas atividades no norte do rio Han (o curso d'água que atravessa Seul). O (ou a) xamã por descida do espírito ou pelo contato estabelecido com ele somente pode tornar-se um(a) verdadeiro(a) xamã após ter contraído uma doença mental ou depois de um contato com os espíritos.

Os xamãs hereditários (*Seseupmu*) trabalham no sul do rio Han. Essa xamã hereditária (pois, em muitos casos, são mulheres) executa o ritual que interfere na vida coletiva como um verdadeiro padre de vilarejo. Ela torna-se xamã graças ao ensinamento que recebeu de sua família e à transmissão da tradição que assim se efetuou.

As xamãs desse tipo gozavam de territórios exclusivos para exercer sua atividade. Elas executavam o ritual durante o ano e recebiam a recompensa após a colheita. Elas trabalhavam no seio de grupos xamanistas familiares. Os outros membros ajudavam-nas ou tocavam música nas festas e nos ritos. Essas famílias desaparecem rapidamente hoje por serem consideradas como uma classe de baixo nível na hierarquia social, como era igualmente o caso na região de Okinawa no Japão.

O AMBIENTE SOCIAL E CULTURAL DOS DOIS LUGARES DE FESTAS

A situação geográfica dos lugares de festa

As festas de *Dangsanjae* acontecem em Dumulmuri e em Bogildo. O nome da festa *Dangsanjae* pode traduzir-se como “uma festa do lar (da casa) do espírito”.

Dumulmuri situa-se no delta onde os rios Han-do Norte e Han-do Sul se encontram. A própria palavra “*dumul*” pode ser traduzida como “dois cursos d’água”. Esse lugar se situa a cerca de 30 km de Seul. Uma linha de metrô da região metropolitana de Seul passa próximo a essa localidade. No passado, quando o transporte de mercadoria pelo rio era importante, essa região era um grande embarcadouro e um centro de comércio.



Figura 1: A árvore de Zelkova

Na comuna que compreende Dumulmuri, a população é hoje de 9.300 habitantes e a densidade alcança 157 hab./km². A população é composta de agricultores e de salarizados urbanos. A importância comercial do embarcadouro desapareceu quanto o serviço marítimo foi fechado em 1990. O vilarejo onde acontece a festa conta uma população de 1.500 habitantes. A festa é focalizada no ponto do delta onde uma grande árvore *Zelkoba* se situa. Essa árvore, de mais de 400 anos e considerada como objeto espiritual, tem uma altura de mais de 26 metros. Antes de 1930, havia aproximadamente 18 festas diferentes nessa região; hoje apenas a festa de *Dangsanjae* de Dumulmuri sobrevive – e com dificuldade.

O segundo lugar é Yesongri, vilarejo que se situa na ilha de Bogildo na extremidade da península coreana. A festa Dangsanjae em Bogildo ocorre a 380 km de Seul. A população da ilha de Bogildo é de 2.800 habitantes e a densidade é de 87 hab./km². Rica, a ilha de Bogildo é célebre pela criação de abalone no mar (60% da produção nacional). Há mais de 870 barcos de pesca e de criação em Bogildo.



Figura 2: O carvalho verde



Figura 3: O vilarejo de Yesongri

No vilarejo onde acontece a festa, há oficialmente cerca de 309 habitantes; na realidade, há apenas 250. A festa do vilarejo de pescadores ocorre no dia do Ano Novo lunar sob carvalhos verdes (*Quercus sanicina Blume*). Há hoje mais de 6 festas similares na ilha de Bogildo, que observei no mesmo dia. A tradição da festa popular permanece ainda, como ontem, viva nessa ilha isolada, mas rica.

A história do vilarejo e da festa

A festa de Dumulmuri

Havia mais de 120 famílias na época de prosperidade do vilarejo de Dumulmuri. Mas, após a grande inundação de 1925 e a construção da barragem de irrigação, o vilarejo foi inundado pela metade: ele conta apenas 20 famílias. Entre estas, há apenas quatro ou cinco originárias.

O tempo de prosperidade da festa situava-se entre 1925 e 1930. O vilarejo tinha, nesse tempo, uma xamá e uma família que tocava música e cumpria os ritos. O vilarejo era povoado de fazendeiros e comerciantes, tanto que a tradição confuciana não era muito severa e que as regras não eram sempre respeitadas. A xamá do vilarejo desempenhava um papel importante na festa e na vida coletiva. Ela decidia a data, o lugar e as formalidades dos rituais. A festa carnavalesca acontecia em grande pompa durante três ou quatro dias sob a direção da xamá. Nessa época, as marcas do confucionismo eram, ao menos, formais.

Hoje, ao contrário, não subsistem traços das xamás e o confucionismo domina a festa.

A festa de Yesongri, ilha Bogildo

Yesongri, o vilarejo da festa, situa-se no sudeste da ilha. Ele foi fundado no século XVII. Ao que parece, a origem da festa remonta, de modo geral, a 150 anos. O vilarejo é composto de várias comunidades de famílias em que cada uma carrega o mesmo nome, como é o caso das outras ilhas do mar ao sul. A festa apresenta alguns dos caracteres das festas do mar do sudoeste da Coreia. São ritos relativos à praia ou à água da fonte e cerimônias para todos os santos e todos os espíritos do mar.

A observação das festas

Caracteres diferentes e semelhanças

Há diferenças e semelhanças entre os conceitos, objetos e caracteres das duas festas.

As semelhanças são as seguintes:

- 1) A festa é celebrada sob uma árvore do espírito (Árvore do espírito da Grande Mãe). A ideia é que essa árvore é uma antena que liga o espaço celeste e a terra, que a festa pode fazer passar como uma corrente elétrica nessa antena;
- 2) As festas acontecem fora de temporada;
- 3) O ritual confuciano acontece na noite do primeiro dia;
- 4) Há tabus ligados às responsabilidades dos ritos das festas;
- 5) Não há xamãs que desempenhem papéis nessas duas festas.

As diferenças são as seguintes:

- 1) A festa de Dumulmuri

Hoje, apenas subsistem os cultos confucianos de noite, não há então mais nenhuma música, dança, nem caractere carnavalesco.

A data da festa não é fixa. E, ainda, não há grupos de participantes voluntários que dirigem a festa.

- 2) A festa de Yesongri

Ela caracteriza-se por uma mistura de ritos do confucionismo e de ritos xamanistas e carnavalescos. Observa-se ali uma associação entre o valor da afirmação e o da inversão social. O espírito da árvore e o do mar desempenham o papel do sagrado durante a festa. Há um grupo de participantes voluntários que dirigem a festa e que possuem os costumes e instrumentos musicais.

A festa de Yesongri



Figura 4: A corda de proibição

A festa de Yesongri pode dividir-se em dois atos. A primeiro é um ritual que acontece embaixo da árvore sagrada. Os representantes que dirigem a festa escolhem um casal casado; o homem e a mulher devem juntos respeitar os tabus. Entre estes, nota-se que é proibido beber álcool, fumar, fazer amor e comer coisas impuras. É igualmente proibido entrar em contato com os que consumiram coisas consideradas impuras pela crença popular. A casa do casal escolhido é cercada por uma corda de interdição estendida para impedir a passagem.

No dia da festa, o representante e seu assistente banham-se na água fria e começam o culto mais ou menos às 23h. Durante uma ou duas horas, sob a árvore e na noite escura, eles apresentam oferendas aos espíritos da árvore. Depois de ter rendido o culto, os participantes, inclusive o representante, visitam as casas e as famílias do vilarejo e dão-lhes a bênção queimando papéis de votos. Nesse dia, o ritual termina às duas ou três horas da manhã.



Figura 5: A música na praça central



Figura 6: O cortejo no vilarejo

No dia seguinte, o segundo ato da festa começa. É o dia de festa da Coreia inteira, é também o dia de festa da China. É o Ano Novo lunar. Como nas outras regiões, a festa começa em família, em cada casa, pela manhã. No vilarejo de Yesongri, a festa coletiva começa após o almoço com um tipo de cortejo. Os participantes do cortejo informam a abertura da festa pela música na praça central do vilarejo. E, além disso, a orquestra toca e desfila em todo o vilarejo até a casa do espírito em frente à árvore sagrada.



Figura 7: A orquestra diante da casa do espírito

O cortejo é chamado “balgi”, o que pode ser traduzido como “caminhar”. Durante esse cortejo, a orquestra dá sua bênção à terra e às famílias. Observei outras festas de vilarejos vizinhos, em que os moradores formam cortejos rumo ao lugar que eles consideram sagrado. Como diz Claval (1995, p. 172):

Pode-se, como se faz na ocasião da lenta deambulação das procissões ou dos cortejos, restabelecer a sacralidade controlada que caracteriza o espaço dos homens, passando pelos pontos cuja carga simbólica é a mais forte, dando a volta no conjunto do território a ser purificado.



Figura 8: A bênção do mar

O cortejo termina na praça diante da casa do espírito. Em seguida, há a bênção do mar. Na praia próxima ao vilarejo, os moradores – majoritariamente mulheres – oferecem banquetes aos espíritos e santos anônimos. Há também a orquestra musical e o representante da festa. À noite, a festa finalmente termina como folia numa profusão de músicas, álcool e dança. Esse último rito de festa e folia acontece na casa do representante onde todos os moradores abençoam sua família e onde todos dançam e bebem. Assim como nesse vilarejo de Yesongri, nos outros vilarejos os participantes passam a noite em claro na folia na casa do representante local.



Figura 9: A festa em loucura na noite

A festa de Dumulmuri

Atualmente, a festa de Dumulmuri acontece no dia 2 de setembro no calendário lunar. Alguns dizem hoje que os moradores perguntam sobre a data apropriada para a festa à xamã do vilarejo no começo de setembro. Outros dizem que a festa acontecia em outubro. Não há certeza histórica sobre esse ponto.



Figura 10: A árvore de Zelkova e a árvore de proibição



Figura 11: A preparação do culto confuciano

Até 1930, essa festa era dirigida pelos xamãs e suas famílias. Ela era celebrada de maneira grandiosa e durava quatro dias, misturando inversão e loucura. Atualmente, há apenas o nome da festa e a árvore sagrada. No passado e como em Yesongri, os representantes da festa de Dumulmuri eram escolhidos pelo vilarejo e indicavam os tabus que eles deviam respeitar. Hoje, os moradores não desejam mais ser representantes por causa dos tabus e dos difíceis trabalhos que isso implica. Como não há outra opção, é o delegado administrativo que hoje desempenha esse papel.

A festa começa às 19h com as oferendas ao espírito da árvore. Uma corda de interdição é posta duas semanas antes da festa para impedir a passagem. Os personagens representativos preparam o culto no interior do espaço delimitado pela corda. Eles oferecem frutos, vinho do vilarejo, peixes secos e uma cabeça de boi em sacrifício.



Figura 12: O culto confuciano



Figura 13: A cerimônia das oferendas

Uma vez terminado o culto, a corda é retirada para abrir a todo mundo o espaço até então cercado. Os moradores e visitantes fazem uma saudação e apresentam oferendas à árvore. As oferendas com refeições são, em seguida, oferecidas ao rio. Às 21h, o culto termina e os moradores fazem um grande banquete preparado com a carne do sacrifício. Faz frio nessa estação e os moradores acendem uma fogueira. A lenha são os galhos da árvore sagrada que caíram naturalmente. Depois do banquete, a festa termina tranquilamente.



Figura 14: A fogueira



Figura 15: A preparação do banquete

A festa de Dumulmuri ganha a forma de um culto confuciano, mas a veneração da árvore sagrada e a oferenda ao rio são caracteres vindos do culto xamanista e da crença popular. No decorrer do tempo, o valor de afirmação e o de inversão social, o culto confuciano e o xamanista misturaram-se na festa popular.

A SIGNIFICAÇÃO E AS DIFERENÇAS DO “SAGRADO” NAS FESTAS

A festa popular inscreve uma dimensão de “sagrado” no tempo e no espaço, o que a opõe ao “profano”. Nas duas festas que observei, o xamanismo e o confucionismo estão no fundamento das crenças populares que condicionam a festa; e ambos inserem uma dimensão “sagrada” na vida quotidiana contemporânea. Mas, no seio mesmo da festa, esta dimensão se divide e o “profano” da inversão social rivaliza com o “sagrado” da afirmação da ordem hierárquica.

Em razão das diferenças regionais, sociais, espaciais e culturais, os valores opostos da festa variam e evoluem. Esse fenômeno pode ser explicado pelos três motivos seguintes.

O “sagrado” da evasão e liberação da vida quotidiana na sociedade contemporânea

“A abolição do tempo profano transcorrido efetuava-se no meio dos ritos que significavam um tipo de fim do mundo”, escreve Mircea Eliade (1965, p. 71). Na vida quotidiana da grande cidade contemporânea, tudo é dinâmico, mutante, flexível e vital. Nessa vida urbana, as ideias do sublime, do calmo e do solene podem traduzir-se como caracteres do “sagrado”, em oposição ao que existe em paralelo. O sagrado espiritual e solene aparece aqui como o inverso do quotidiano. É a razão pela qual os jovens buscam a tradição clássica, entregam-se à mediação oriental e efetuam o culto antigo. No caso de Dumulmuri, os moradores estão em busca da tradição perdida. Enquanto o ritual do confucionismo mantém-se, no conjunto, com dificuldade, ele justifica a existência da tradição da festa, conferindo-lhe um caractere sagrado. Com seu traço de austeridade, o culto confuciano tradicional desempenha um papel de “sagrado” na vida urbana e moderna da zona suburbana que contorna as grandes cidades, mesmo se o formato de origem não era puramente solene e confuciano.



Figura 16: A festa da coletividade local

Por outro lado, no vilarejo de pescadores situado numa ilha, a vida quotidiana continua a desenrolar-se no âmbito da moral e da hierarquia social tradicional. Nesse caso, o caractere de inversão e desvio em direção ao que não é mais calmo pode traduzir-se como uma aspiração do “sagrado”. É a razão pela qual a festa da árvore sagrada guarda traços de um carnaval. Nessa versão do “sagrado”, os moradores do vilarejo podem participar e divertir-se no seio de uma tradição que permaneceu viva. Como Claval (1995, p. 104) indica: “Cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão de evasão”.

A diferença das culturas tradicionais

O vilarejo de Dumulmuri situa-se na região em que os xamãs que exerciam seus talentos no passado adquiriam seu poder com a descida do espírito ou a partir do contato estabelecido com ele (*Gangsinmus*). As aptidões para praticar essa forma de xamanismo estão fora do alcance das pessoas comuns. Na região onde os *Gangsinmus* exerceram suas atividades, as festas populares e tradicionais diminuem e perdem rapidamente sua identidade após o desaparecimento dos xamãs, pois sua arte não pode ser ensinada pelos moradores do vilarejo. Nessa região, as festas que traduzem a crença popular desapareceram; somente os caracteres confucianos que lhes estavam atrelados sobreviveram.

No vilarejo de Yesongri, contrariamente, mesmo se os xamãs desapareceram, suas atividades podem ser estudadas na aula de história. É a região da xamá hereditária (*Seseupmu*). Nessa região, os moradores do vilarejo aprendem

a forma e o processo da crença popular e da festa graças às xamãs e suas famílias. Para os dois lugares e as duas festas, são, pois, as diferenças no recrutamento dos xamãs que decidiram o destino da festa.

A diferença social e geográfica

No vilarejo de Dumulmuri, as famílias de origem desaparecem e a população urbana de Seul aumenta. Ao mesmo tempo, pequenos movimentos para salvar a identidade local manifestam-se entre os habitantes. Nessa perspectiva, festejar, mesmo num estilo confuciano, e compartilhar um banquete em comum testemunham esforços impetrados ao menos para guardar a identidade.

Em Yesongri, a população possui quase as mesmas profissões que no passado. As pessoas trabalham e vivem ainda no mesmo território. Os habitantes têm todo o tempo para conhecer cada família. Nesse caso, a festa é um método para fortificar ao máximo a coletividade.

Nos dois casos, pode-se pensar que “o objetivo do carnaval é garantir a boa conduta da sociedade local” (LE ROY-LADURIE, 1979, p. 344).

CONCLUSÃO

As manifestações e seus excessos têm virtudes de terapia coletiva e permitem expurgar a sociedade de suas tensões. Porém a manifestação ou a festa evoluem segundo a sociedade. E o símbolo fundamental dessas mudanças é o “sagrado” da festa, que purifica e renova a vida quotidiana. Aqui a noção de “sagrado” varia segundo a condição social e vai da inversão da ordem existente à sua afirmação.

Neste artigo, observei como as festas se transformam e mudam em função do tipo de “sagrado” requerido pela sociedade e da situação geográfica. Descobri, finalmente, que a mudança da noção do “sagrado” e a evolução da festa responde ao que a sociedade requer em função de sua situação geográfica.

A festa resulta finalmente de um processo de equilíbrio entre valor de inversão e valor de afirmação da ordem social; o conceito de “sagrado” varia segundo o que é a sociedade atual. A evolução das duas festas da árvore sagrada demonstra-o.

Recebido em: 03/01/2011

Aceito em: 30/04/2011

BIBLIOGRAPHIE/BIBLIOGRAFIA

CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle*. Paris: Nathan, 1995.

ELIADE Mircea. *Le Sacré et le profane*. Paris: Gallimard, 1965.

JUNSIK, Choi. *The popular belief de Korea*. Seoul: Ewha Univ. Publication, 2005.

LE ROY-LADURIE Emmanuel. *Le Carnaval de Romans*. Paris: Gallimard, 1979.